



Caetano Ripoli: produtividade da colheita mecanizada depende de mão-de-obra e especializada e preparo do solo mais adequado

PREJUÍZOS

Cultura do desperdício ainda existe

A pesar das conquistas ocorridas nos últimos anos, a cultura da cana-de-açúcar ainda precisa evoluir bastante. Está muito atrás, na área de tecnologia agrícola, em relação às culturas de grãos, por exemplo, informa Tomaz Caetano Cannavam Ripoli, professor do Departamento de Engenharia de Biosistemas da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz da Universidade de São Paulo (Esalq/USP), campus de Piracicaba (SP).

Segundo ele, erosão, perdas de metragens de sulcação/ha, péssimo plantio, absurdas perdas na colheita mecanizada e semi-mecanizada, destruição de soqueiras por pisoteio, ausência de adequada compatibilização entre fontes de potências e máquinas movidas estão entre os exemplos de prejuízos que ocorrem no setor.

“É que a cana ainda dá muito dinheiro. Por isso, diversas usinas conseguem se manter mesmo com problemas operacionais. A elevação da competitividade e a necessidade de sobrevivência no mercado exigem a melhoria de eficiência”, enfatiza.

Na avaliação do professor da Esalq, existem alguns motivos que são responsáveis por prejuízos nas lavouras de cana-de-açúcar, como carência de investimentos em qualificação profissional, aplicação de tecnologias inadequadas, falta de melhor controle de qualidade e de desempenho das operações.

Para Ripoli, a obtenção de maior produtividade da colheita mecanizada depende, por exemplo, do aprimoramento da mão-de-obra e da realização de um preparo do solo mais adequado.

“Houve a mudança de todo um sistema na colheita, que não se restringe ao uso de novas tecnologias”, adverte.